

O dólar nosso de todo dia.

Os meios de comunicação divulgam diariamente a cotação do dólar. E quando o preço da moeda americana começa a subir com uma certa frequência, intuitivamente as pessoas percebem que algo não vai muito bem no campo econômico. Poderia-se argumentar de imediato que quando o dólar sobe os preços dos produtos importados sobem também, encarecendo produtos fundamentais como o trigo do pão, a energia “made in Paraguai”(Itaipu) e é claro os combustíveis. Se fosse enumerar todos os produtos que importamos certamente toda a revista seria pouco. Mas os produtos que exportamos também aumentam de preço e o juro do crediário também.

No produto importado o impacto é direto. Se aumenta o preço do dólar preciso de mais reais para comprar a mesma quantia de produtos. E o exportado? Uma boa parte dos produtos que exportamos e que suprem o mercado interno têm seus preços cotados em dólar. Quando a empresa exporta recebe em reais o correspondente do valor do seu produto em dólar. Se o preço do dólar aumentar o exportador receberá mais reais por unidade vendida de mercadoria, ou melhor, os custos de produção serão quase todos em reais e a receita da venda, em dólares, convertidos em reais. O que pode acontecer é o exportador preferir destinar sua mercadoria para o exterior que está “pagando melhor” e para suprir o mercado interno aumentar os preços até aproximar-se do valor correspondente em dólares. Produtos como a soja, o açúcar, o algodão entre outros. Na verdade, isto ocorre quando há uma tendência nas cotações, isto é, se estes preços continuarem elevados por algum período de tempo.

Esta relação do Brasil com o exterior, comprando e vendendo produtos e serviços todos os dias com o mundo todo, faz com seja necessário um “estoque” de dólares para que possamos honrar nossos compromissos no exterior. Pagar pelo petróleo, pelo trigo e pelos milhares de componentes tão necessários para nossa indústria e é claro pela nossa agricultura que compra herbicidas, fertilizantes, máquinas e muito mais. O que poderá ocorrer se este fluxo de dólares entrando for menor do que o de saída? Com certeza teríamos um colapso e o desenvolvimento do país comprometido seriamente. Durante quase toda década de 90 isto ocorreu e a saída encontrada naquele momento foi atrair recursos financeiros do exterior elevando-se a taxa básica de juros. Manter os juros elevados passa a ser um atrativo para investidores do mundo todo. Ou melhor dizendo, pagamos um prêmio elevado para que um fundo de pensão como os dos professores da cidade de Nova York tragam seus dólares para o Brasil, converta em reais e aplique no nosso mercado financeiro que paga pelo menos dez vezes mais que nos Estados Unidos. Esta taxa elevada se dissemina pela economia contaminando o crediário, o cheque especial e até a prestação da casa própria.

Nos últimos meses o Brasil tem conseguido gerar dólares suficientes para honrar seus compromissos sem depender deste subterfúgio. Infelizmente a fragilidade ainda existe e para que tenhamos uma plena independência, um longo caminho ainda tem que ser trilhado, melhorando cada vez, mais a qualidade das nossas exportações com produtos e serviços de maior valor agregado, ou exemplificando, em vez de exportar minério de ferro, exportar laminas de aço, em vez de couro exportar mais solas de sapato e assim por diante. O longo prazo está na qualificação da nossa gente, não apenas com diplomas, mas com profissionais que cada vez mais agreguem valor ao produto “made in Brazil”.

Paulo André de Oliveira

Professor de Economia da FMR